

04/09/2019 às 05h00

## Recessões ficam mais raras e assustadoras

Por Robin Harding

Difícilmente o mundo esteve mais malpreparado para combater uma recessão do que agora. Mas, ao mesmo tempo, nunca teve menos recessões a combater. Isso torna o próximo desaquecimento mundial difícil de imaginar, mas, mais provavelmente, será um acontecimento traumático e imprevisível, mais semelhante a um súbito surto de uma nova doença do que ao início da temporada anual de gripe.



PUBLICIDADE

COMBATA RÁPIDO  
A DOR DA  
**SENSIBILIDADE**  
EM 60 SEGUNDOS\*

**gsk**

CHBR/CHSENO/0050/19

**SENSODYNE**  
CLINICAMENTE COMPROVADO PARA O ALÍVIO DA SENSIBILIDADE

**RÁPIDO ALÍVIO**  
A PROTEÇÃO DURADOURA

CONHEÇA

\*Ao massagear a base do dente por 1 minuto.

inRead invented by Teads

### >> Leia mais:

- [Indústria cai nos Estados Unidos pela primeira vez desde 2016](#)
- [Dado decepcionante da indústria derruba Wall Street](#)
- [Guerra comercial pode causar recessão, dizem agências](#)

Os alarmes de recessão dispararam com força neste terceiro trimestre devido à inversão da curva de rendimentos dos títulos dos EUA, o que significa que as taxas de juros pagas sobre os papéis de mais curto prazo são mais elevadas que as destinadas a remunerar os papéis de mais longo prazo. Isso ocorreu num momento em que a expansão econômica atual quebrou recordes e vivenciamos uma desaceleração mundial dos indicadores do setor manufatureiro.

Com os juros estacionados no nível de zero ou próximos disso em boa parte do mundo industrializado, os bancos centrais têm pouco espaço para reagir. Qualquer queda da atividade econômica é uma perspectiva

## Mensagens dos leitores

### Bolsonaro

Bolsonaro não foi fiel ao seu slogan "Brasil acima de tudo, Deus acima de todos" ao proteger o seu filho Flávio, envolvido em movimentação financeira sob suspeição, quando deveria apoiar a investigação. Seria a forma de Flávio provar sua inocência e ele, como presidente, sair fortalecido com "o exemplo vem de casa".

04/09/2019 às 05h00 - Humberto Schwartz Soares -

### Corte de verbas

Bolsas de estudo ameaçadas, comprometendo trabalhos de pesquisa ligados a áreas fundamentais, como a produção de vacinas; vários ministérios com funcionamento restrito para o corrente ano e para o próximo; cerca de 14 mil obras paradas país afora, com evidentes prejuízos que impedem a retomada de crescimento e a redução do índice desumano de...

04/09/2019 às 05h00 - Paulo Roberto Gotaç -

### Corte de verbas

Literalmente, o governo está vendendo o almoço para pagar a janta. Sem previsão de liberação de recursos os ministérios estão à deriva. E o Ministério da Educação, decidiu cortar pela metade o orçamento do Capes, que tem a responsabilidade pela maior parte das bolsas de mestrado e doutorado. O governo, que prometeu mais 5.163 bolsas de pós-...

04/09/2019 às 05h00 - Paulo Panossian -

Ver todas | Envie sua mensagem

assustadora.

Talvez se permita que esse período de fragilidade mundial entre em escalada até chegar a uma desaceleração dos EUA e mundial. Mas isso contestaria o padrão das recessões revelado nas últimas décadas, que mudou tanto em termos de causa quanto de frequência. Elas são mais raras e, quando efetivamente começam, o gatilho é, mais frequentemente, um colapso financeiro do que a queda do nível de atividade ou um superaquecimento econômico.

Os indicadores que detectam a proximidade da recessão sempre tiveram um histórico terrível, mas, no passado, os profetas do apocalipse, que algum dia acabam fatalmente acertando, tinham apenas de esperar alguns anos por seu momento de glória. Agora esse dia pode levar décadas para ocorrer. Aos 122 meses de existência, a atual expansão dos EUA é a mais longa já registrada, pouco à frente do período que se estendeu de 1991 a 2001.

A ex-presidente do Federal Reserve (Fed) Janet Yellen argumenta que é um "mito" a crença de que as expansões econômicas morrem de fraqueza natural decorrente da idade avançada.

Expansões mais longas levam a concluir que as recessões ficaram mais raras. No período de 35 anos que sucedeu a Segunda Guerra Mundial, houve oito recessões nos EUA; nos 35 anos posteriores a esse período, houve quatro. As tendências observadas em outros países desenvolvidos são semelhantes.

---

**Com base no comportamento das recentes quedas de atividade econômica, há poucos sinais de que uma recessão já esteja a caminho. O que é indubitável é que uma desaceleração nas condições atuais será excepcionalmente difícil de combater**

---

Nas décadas de 1990 e de 2000, os economistas falavam de uma "grande moderação", a ideia de que a produção tinha ficado significativamente menos volátil desde o início da década de 1980. Mas isso se revelou desconcertante após a crise financeira de 2008, e a expressão deixou de ser usada. As provas surgidas desde então, no entanto, sugerem que o fenômeno é verdadeiro. A volatilidade do crescimento trimestral nos EUA é hoje menor do que já foi em qualquer outro momento do passado.

Surgiram várias explicações para isso. Uma delas é a queda dos ciclos de estoques da indústria de transformação: o emprego de técnicas conhecidas como "just in time" reduziu a necessidade de ajustar os estoques. Outra é a mudança estrutural da economia na direção dos serviços. A demanda por prática cardiovascular de bicicleta na academia, consultoria empresarial, karaokê e cirurgia plástica pode oscilar com a economia como um todo, mas, ao contrário das usinas siderúrgicas e das montadoras de automóveis, não tem grande dinâmica cíclica própria.

Uma terceira explicação, provavelmente mais importante, é o sucesso dos bancos centrais em estabilizar a inflação e em evitar ciclos de euforia e de depressão econômicas. A maioria das recessões dos EUA no período pós-guerra começaram quando a economia ficou aquecida demais, a inflação subiu e o Fed elevou as taxas de juros para conter a demanda. Passaram-se décadas, agora, desde a última vez em que isso ocorreu. Mais recentemente, os BCs tiveram de enfrentar a falta de inflação, não seu excesso.

Quando os formuladores de políticas públicas não temem a inflação, podem fornecer incentivos para neutralizar os efeitos de uma desaceleração. Na verdade, o risco é, propriamente, a falta de munição que sofrem para fazer frente a choques reais, como o Brexit ou as tarifas do presidente dos EUA, Donald Trump, à China. Mas eles, certamente, estão tentando. O Fed está reduzindo as taxas de juros, seguido por Índia, Tailândia, Filipinas e Nova Zelândia, entre outros, só no mês de agosto. A adoção de incentivos fiscais está a caminho na Coreia do Sul e no Reino Unido. A China deverá fazer mais.

## Opinião

Últimas Lidas Comentadas Compartilhadas

A necessidade de valorizar o professor 05h00

Conflitos nas reformas de energia e saneamento 05h06

Recessões ficam mais raras e assustadoras 05h06

Justiça ainda corre atrás das próprias metas de eficiência 05h00

Ver todas as notícias

## Versão Digital

04-09-2019



Acesse a versão digital do Valor e leia o jornal exatamente como ele foi impresso. Conteúdo exclusivo para assinantes.

É nesse ponto que muitas previsões de recessão dão errado. Quando a ameaça é evidente, a reação da política econômica chega adiantado. Uma aposta de que a atual desaceleração mundial se transformará em uma recessão mundial é, em parte, uma aposta de que estes atuais esforços de incentivo vão fracassar.

É fácil levar este argumento tão longe a ponto de torná-lo uma falácia: as autoridades tomarão providências para evitar uma recessão, portanto não é possível ocorrer nenhuma recessão grave. No começo da década de 2000 houve muito excesso de autoconfiança desse tipo - mas os anos de 2008 e 2009 serviram de truculento corretivo. Aquela recessão começou no setor financeiro, com empréstimos de alto risco e mercado residencial, exatamente como a recessão de 2001 começou com o estouro da bolha das pontocom.

O ciclo econômico pode ter perdido o ímpeto, mas o ciclo financeiro de Hyman Minsky ainda está entre nós. A esfera financeira é a fonte mais provável do próximo desaquecimento, se ele vier.

Se as verdadeiras flutuações econômicas são difíceis de prever, precisar o momento em que ocorrerá a crise financeira é quase impossível. Os analistas podem identificar desequilíbrios em mercados, mas apenas podem conjecturar quando e como serão revertidos. Há alguns sinais de que já estamos no final no atual ciclo. As avaliações dos ativos estão elevadas pelos padrões históricos. A dívida privada subiu muito na China e em algumas economias periféricas. O governo Trump está reduzindo a regulamentação financeira a níveis anteriores. Tudo isso aumenta o risco. Mas os sinais de tensão que muitas vezes antecedem uma crise - ebulição desmedida ou crescimento dos episódios de inadimplência - não estão presentes.

Nada disso significa que não ocorrerá uma recessão - a grande questão é a imprevisibilidade -, mas, com base no comportamento das recentes quedas de atividade econômica, há poucos sinais de que alguma já esteja a caminho. O que é indubitável é que uma desaceleração da economia nas condições atuais será excepcionalmente difícil de combater. Esse tende a ser o padrão das recessões futuras: raras e assustadoras. **(Tradução de Rachel Warszawski)**

**Robin Harding é diretor da sucursal de Tóquio do Financial Times.**

Compartilhar 0

Tweet

in Share

Ω

## Links Patrocinados

por Taboola

LINK PATROCINADO

O jogo mais viciante do ano!

LINK PATROCINADO

Dores na coluna eliminadas com esse truque especial e único

LINK PATROCINADO

Este smartphone 10 vezes mais barato pode trabalhar com internet 4G ilimitada

LINK PATROCINADO

Cansou de escadas? Instalação barata de plataforma cadeirante para casas!